

NIETZSCHE E ESPINOSA: APROXIMAÇÕES FILOSÓFICAS POSSÍVEIS

NIETZSCHE AND SPINOZA: POSSIBLE PHILOSOPHICAL APPROACHES

Maria Caroline Belfante¹
Viviane Mayumi Resende Uenaka²

RESUMO: Este ensaio propõe apresentar o pensamento de Espinosa e a filosofia de Nietzsche como formas de conhecimento que se encontram, segundo o próprio Nietzsche, em carta a Franz Overbeck, julho de 1881, o filósofo alemão reconhece, carinhosamente, em Espinosa um precursor e um amigo, revelando, portanto, aproximações com o seu pensamento. Considerando que ambos os pensadores desaprovam uma moral e uma ética firmada em valores transcendentais, e também que se servem dos afetos, sobretudo da afirmação positiva como fonte para superação de nossas fraquezas. Assim, serão apresentados argumentos que indicam as possíveis aproximações que sustentam as interpretações de um possível “Nietzsche espinosano”.

Palavras-chave: Afetos. Vontade de poder. Potência. Autoconservação.

ABSTRACT: This essay proposes to present Spinoza's thought and Nietzsche's philosophy as forms of knowledge that are found, according to Nietzsche himself, in a letter to Franz Overbeck, July 1881, the German philosopher affectionately recognizes in Spinoza a precursor and a friend. therefore revealing similarities with his thinking. Considering that both thinkers disapprove of morality and ethics based on transcendent values, and also that they use affections, especially positive affirmation, as a source for overcoming our weaknesses. Thus, arguments will be presented that indicate the possible approaches that support the interpretations of a possible “Spinosan Nietzsche”.

Keywords: Affections. Will to power. Power (potentia). Self-preservation.

INTRODUÇÃO

Em 1881, em uma carta direcionada a um amigo, Franz Overbeck, Nietzsche reconhece Espinosa como um de seus precursores e demonstra bastante encanto nos escritos recém-descobertos:

¹Doutoranda em educação, Unesp Marília.

²Mestra em filosofia, Unesp Marília.

Estou inteiramente espantado, inteiramente encantado! Tenho um precursor e que precursor! Eu conhecia quase nada de Espinosa; que eu agora ansiasse por ele foi uma “ação do instinto”. Não só, que sua tendência geral seja idêntica à minha - fazer do conhecimento o afeto mais potente (...). Im summa: minha solidão, que, como sobre montes muito altos, com freqüência provocou-me falta de ar e fez-me o sangue refluir, é ao menos agora uma dualidã. – Maravilhoso! (Nietzsche apud Santiago, 2007, p. 137).

Espinosa teria representado para o século XVII o mesmo que Nietzsche representou para o século XIX (Santiago, 2007, p. 131). Apesar de possuírem teses filosóficas diferentes, como exemplo, os métodos adotados, de um lado, o geométrico-dedutivo, do outro, o genealógico-perspectivista, há um espírito que move suas filosofias comuns. Ambos possuem formas de encarar a existência que quebram com a tradição ocidental judaico-cristã. Deleuze, ao avaliar seu trabalho filosófico reconhece que “tudo tendia para a grande identidade Nietzsche-Espinosa” (Deleuze apud Santiago, 2007, p. 131). Um ponto forte comum da filosofia dos dois é a luta contra a transcendência. Espinosa partia de um ponto de vista de que tudo estava interligado por leis imanentes da natureza e, por meio delas, se expressaria o deus. Nietzsche é reconhecido pela sua luta contra a metafísica, contra a razão e a lógica como fundamentos essenciais de explicação do mundo.

Pela missiva sobre Espinosa, percebe-se na carta escrita por Nietzsche, um tom poético, mergulhado em deleitação, conforto e encorajamento. O que antes era uma solidão para o filósofo do martelo, transformou-se em uma *dualidã*, conforme ele mesmo afirma. Percebe-se o alto preço pago por ambos os pensadores na aplicada busca pelo conhecimento. É possível, portanto, sugerir que a partir do contato que teve com a filosofia de Espinosa, Nietzsche tenha se sentido iluminado pelo conteúdo. Segundo Krieger (2021, p. 232), as pesquisas em Nietzsche indicam que este autor nunca leu diretamente Espinosa, e sim através de Kuno Fischer e de outros possíveis autores, como Adolf Trendelenburg e Richard Falckenberg. Logo, todo o seu conhecimento acerca do autor se deu de forma indireta. Em uma das menções positivas sobre Espinosa, Nietzsche elogia que ele conseguiu até certa medida, viver seu filosofar, diferentemente de muitos filósofos nos quais vida e filosofia jamais se uniam.

Nietzsche e Espinosa: aproximações filosóficas possíveis

Num primeiro olhar, a filosofia espinosana e a filosofia nietzscheana podem opor-se em muitos aspectos. Mas quando fazemos então, um esforço no sentido antagônico, é possível ver também muitas aproximações. Espinosa teceu um sistema filosófico que combateu a superstição, transcendência, em uma época carregada pela moral religiosa. Ele elaborou uma ética absolutamente afirmativa, que é fundada como autêntica expressão de sua potência de existir, e fez um alerta sobre malefícios que a religião atrelada ao poder político pode causar aos homens. Mas não foi só Espinosa que causou grande comoção com suas teses consideradas insurgentes. Aproximadamente dois séculos depois, Nietzsche também gerou certo alvoroço filosófico, corroborando, em muitos sentidos, algumas teses aventadas por Espinosa, porém, com uma fundamentação refinada própria. Nietzsche foi um grande crítico da cultura, moral e religião. Em seus escritos, defendeu a filosofia trágica como máxima afirmação da vida e o desenvolvimento do homem na criação e superação de si.

Diferentemente de seus contemporâneos que seguem um pensamento mais alinhado com o platônico, Espinosa não considera as paixões como um erro³, como algo oposto a razão, animalesco. Para ele, os vícios e as paixões tem origem comum na virtude⁴, por serem considerados eventos naturais.

Em sua primeira obra, *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche irá apontar o racionalismo socrático-platônico como o responsável por causar a morte da tragédia grega. A tragédia só seria possível com a união de duas forças da natureza: o apolíneo e o dionisíaco. Apolo representa a retidão, os limites individuais, o sonho, a arte figurada; enquanto Dionísio representa a beberagem narcótica, o vinho, a desmesura, a música e a falta de limites. Ambos são contrários porém complementares e é da união deles que é

³Tanto no prefácio da terceira parte da *Ética*, como no início do *Tratado Político*, Espinosa reprova o posicionamento dos filósofos ante aos afetos humanos, ao considerá-los vícios, erros humanos. “[...] concebem os homens não como são, mas como gostariam que eles fossem” e “tenham escrito sátira em vez de ética [...]” (Espinosa, 2009, p. 5).

⁴ Para Espinosa, virtude, potência e *conatus*, são termos equiparados. “Por virtude e potência compreendo a mesma coisa, isto é, (pela prop. 7 da P. 3), a virtude, enquanto referida ao homem, é a sua própria essência ou natureza, à medida que ele tem o poder de realizar coisas que podem ser compreendidas exclusivamente por meio das leis da natureza”. (Spinoza, 2019, p. 159).

possível o nascimento da tragédia grega. No teatro, Apolo é marcado pela poesia e pela imagem que se une a música dionisíaca. Essa união é capaz de romper com o princípio de individuação e fazer com que o homem atinja um pano de fundo comum da existência em todos os seres, o Uno-primordial. É por meio desse sentimento de unidade com o todo que o homem seria capaz de sentir o prazer pela tragédia, pois é como se ele tivesse a compreensão do todo e percebesse que o bom e o ruim fazem naturalmente parte da existência. A expressão artística reafirmava a vida por meio das histórias dos heróis e da música. As dificuldades contadas nas histórias eram uma inspiração para os gregos no enfrentamento de seus problemas.

Neste seu primeiro livro, Nietzsche acusa a filosofia racional socrática-platônica de ser a causadora do fim da tragédia. Para Nietzsche a razão é limitada e não é capaz de responder a todas as questões do homem. Sócrates acredita que a razão deve ser a norteadora da vida humana em todos os aspectos, inclusive no artístico. As paixões, a arte, a vida empírica e os sentimentos são enganadores. Com isso, o dionisíaco é tirado do teatro e a tragédia perde seu sentido de afirmar a vida por meio da arte. Em sua crítica ele afirma:

Ao dissociar brutalmente os sentidos da capacidade de pensar abstrações, portanto, da razão, como se fossem duas faculdades completamente separadas, destruiu o próprio intelecto e encorajou a cisão inteiramente errônea entre “espírito” e “corpo” que, sobretudo desde Platão, pesa como uma maldição sobre a filosofia. Todas as percepções dos sentidos, pensa Parmênides, fornecem apenas ilusões (...) (NIETZSCHE, 1987, p. 67).

Nietzsche é um grande crítico da metafísica e da ideia de conceber o sentido da vida para algo transcendente. A filosofia socrática-platônica foi a responsável, para o autor, por disseminar a dualidade corpo e alma e em postular tudo o que está no âmbito metafísico como superior. Ao exaltar uma vida para além desta, seria como assumir que há algo de superior no além, logo esta vida terrena seria inferior, uma vida que deve ser abdicada ou pensada em função da outra.

Espinosa também nos força a reavaliar os critérios da metafísica até então apresentada pela tradição, especialmente a cartesiana. Descartes, por exemplo, nas *Meditações*, nos oferece indícios da fundamentação de uma ética cujo ponto de partida é a existência de Deus e a imortalidade da alma. Nesse passo, Descartes afirma que Deus existe e opera a seu bel prazer, aduz ainda que os homens só irão preferir as virtudes aos

vícios se almejem uma vida futura. “E, visto que frequentemente se propõem nesta vida maiores recompensas para os vícios que para as virtudes, poucas pessoas prefeririam o justo ao útil, se não fossem retidas nem pelo temor de Deus, nem pela esperança de uma outra vida.” (Descartes, 2017, p.3-4). Espinosa, por outro lado, refuta a metafísica cartesiana e inaugura outra completamente peculiar. Desta forma, não há que se falar em finalismo, o pensador holandês rompe com o finalismo aristotélico, uma vez que para o pensador, as causas finais representam uma projeção antropomórfica sobre a natureza, ou seja, apenas um engano. O Deus de Espinosa se opõe ao Deus de Descartes. Eis o porquê Espinosa rejeita a ética cartesiana, que muitas das vezes está alinhada a religião, superstição e a moral autoritária. A respeito da moral autoritária, isto é, o conjunto de padrões de comportamento forjados pela tradição, tanto Espinosa quanto Nietzsche, a considera subversiva, pois está vinculada ao completo estado de ignorância humana, onde os homens são apenas conduzidos pela esperança da salvação ou pelo medo da punição, logo, não entendem o seu papel no mundo, são privados por conta das credences de se autoconhecerem. Para Espinosa, a moralidade imposta desnatura o homem, que se vê preso as amarras que muitas vezes envolvem questões transcendentais, o afastando da reta razão.

Daí que se falar que a antropologia espinosana é uma crítica a todos aqueles filósofos (ou vulgo) que dão ao homem um lugar privilegiado, e lhe outorgam um poder especial, aqueles que “parecem conceber o homem na natureza como um império num império” (Espinosa, 2019, p. 97). Em outras palavras, Espinosa rechaça aqueles que consideram o homem uma natureza fora da Natureza/Deus/Substância e que segue suas próprias leis (as regras morais, por exemplo, e suas implicações), o que é absurdo. Assim, o pensador holandês, definitivamente, concebe uma antropologia não antropomórfica. Nela, o homem é produto desta Natureza autoprodutora. Logo, ele não está fora da ordem natural. Espinosa defende a tese de que todas as coisas acontecem por uma questão de necessidade⁵, nasce então a ontologia do necessário.

⁵ “A imanência é concebida a partir da essência (*naturans* é a essência dos atributos e *naturatae* são as essências das coisas) e da potência (*naturans* é a causa de si livre, *naturatae* são as coisas que seguem da necessidade da causa eficiente, por si, próxima e primeira).” (Chauí 2008, p. 33/34)

Virtude⁶ em Espinosa possui um significado diferente daquele apreendido pelo senso comum (qualidade considerada correta e desejável segundo a religião, comportamento social, etc), visto que o pensador holandês equipara virtude a potência, desejo⁷, *conatus*⁸, ou seja, o esforço (que cada um realiza) em perverter no ser, na existência plena.

O *conatus*, que define a essência singular de cada ser humano, é uma potência de existir ou uma causa que produz efeitos bem como recebe os efeitos de outras causas ou de outros *conatus*. É uma unidade dinâmica de forças internas em relação com forças externas que podem auxiliá-lo, regenerá-lo, aumentar-lhe a potência ou destruí-lo. (Chauí, 2011, p.146).

Nesse movimento, percebe-se a relevância do conceito de *conatus* que é tema central para a explicação da vida humana e da ética da potência de Espinosa. Faz parte da nossa natureza almejar o aumento de potência. Ao identificar *ser e potência*, o polidor de lentes acaba engendrando requintadas consequências antropológicas, epistemológicas, políticas, etc. O *conatus* para Espinosa é aquilo que move o ser, sua potência, uma “pulsação, uma pulsação originária de vida e de expansão, que leva todo indivíduo a buscar expandir sua potência de agir” (Martins, 2000, p. 185). Assim, o *conatus individual* Espinosano pode ser considerado a vontade potência individuada de Nietzsche. A vontade de potência não individuada é aquilo que move o mundo, para Espinosa, a substância única (potência absoluta que engendra todas as potências individuais).

Nietzsche também defende em sua filosofia tudo aquilo que é capaz de aumentar o estado de potência do homem. Por estado de potência Nietzsche podemos compreender tudo aquilo que move o homem em direção a elevação, a superação de si. Logo, podemos considerar que ambos são contra tudo aquilo que diminui a potência do homem, ou seja, tudo o que provém do niilismo negativo. Para ambos o niilismo consiste em tudo aquilo que diminui este estado de potência, e que acaba levando o homem a um estado de servidão.

⁶ “Não se pode conceber nenhuma virtude que seja primeira relativamente a esta (quer dizer, ao esforço por se conservar).” (Spinoza, 2019, p. 171).

⁷ “É a pulsação de nosso ser entre os seres que nos afetam e são por nós afetados”. (Chauí, 2011, p. 46).

⁸ “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (Spinoza, 2019, p.104). O *conatus* é “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (Spinoza, 2019, p.105). Ademais, “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser não envolve nenhum tempo finito, mas um tempo indefinido.” (Spinoza, 2019, p.105)

Vale ressaltar que a tradição teológico-metafísica do século XVII formulou obstáculos as teses de Espinosa que visavam desantropomofizar a ideia de Deus. Seu pensamento não só encontrou opositores em algumas correntes filosóficas de sua época, como também foi tido por herege pela sinagoga holandesa. Enfrentou represálias por isso, no entanto, seguiu adiante com seus princípios éticos, lutando, resistentemente pelo livre pensamento.

Para Espinosa, Deus é a Natureza. Ou seja, ele não é antropomofizado, ele é livre porque age de acordo com as leis de sua natureza, causa de si e causas de todas as coisas. Espinosa nega a eminência, logo, defende a imanência. Segundo Deleuze:

O que Espinosa reprova na noção de eminência é pretender salvar a especificidade de Deus, definindo-o por caracteres antropológicos ou mesmo antropomórficos. Atribuem-se a Deus traços tomados da consciência humana (os quais nem sequer são adequados ao homem como tal) [...] (Deleuze, 2002, p. 69).

Mesmo Nietzsche não defendendo a ideia de um Deus ou qualquer tipo de ser superior ou leis superiores que de certa forma guiam a existência, é importante ressaltar que os dois filósofos fogem ao padrão de crença e filosofias cristãs. Nietzsche foi um grande crítico do cristianismo e principalmente da moral cristã. Tal crítica se deve principalmente ao fato de que o cristianismo prega que a vida terrena é inferior e pecaminosa, enquanto a verdadeira e superior é aquela que as pessoas terão depois da morte. É uma religião que ensina que os homens devem abdicar da vida terrena em prol de uma outra suposta. Com isso, cria-se, além da ilusão como um forma de escapismo, uma moral de rebanho.

A religião traz uma visão de mundo completamente pronta para as pessoas, não há espaço para reflexão ou para o desenvolvimento individual do homem distanciado da doutrina. Para Siqueira:

As morais e as religiões são os principais meios para fazer o homem o que se quiser, a análise da civilização, no fundo, nos encaminhará para a questão da existência humana.

Compreenda-se: nossa civilização passou primeiro pelo domínio do 'tu deves', quer dizer pelo primado da moral e da Religião; esta primeira etapa do espírito cede seu lugar ao domínio do 'eu quero' supera-se no 'eu sou', uma nova relação do indivíduo com sua existência (Siqueira apud Lima, 2015, p. 51).

A religião cristã teria corrompido o homem, invertendo os verdadeiros valores e fazendo com que ele negasse a vida. Ela seria responsável pelo oposto da vontade de potência, ou seja, pela decadência do homem. Ela rejeita os instintos humanos, aquilo que nos é primeiro, em prol de uma moral falsa criada e disseminada por eles.

Cumprido dizer que, para Espinosa, a moral não se confunde com a ética. Porque aquela está impregnada de afetos passivos, onde os homens se deixam governar por suas paixões, há neste momento, a predominância dos afetos tristes, como o medo e desespero (afetos vinculados as superstições). Medo do castigo divino e desespero por não haver um recomeço, dessa forma, os homens são facilmente manipulados, e acabam se transformando em massa de manobra. Logo, há a diminuição de suas potências e o estado de servidão. Assim, viver uma vida terrena objetivando uma outra vida baseada em credulidades é viver inutilmente, segundo Espinosa. Como vimos, tudo o que acontece na vida humana trata-se de eventos naturais, ou seja, os afetos tristes fazem parte da condição natural do homem, mas não são desejáveis. Assim, é importante que saibamos refrear as paixões, dando espaço as ações, isto é, aos afetos alegres, como a alegria e a esperança, os quais aumentam a nossa potência. É nesse sentido, que a ética de Espinosa concebe um Deus imanente e não transcendente.

Segundo André Martins (2000, p. 186), as ações são ativas. As paixões: servidão, para Espinosa, acontecem devido as causas externas do *conatus individual*. Ou seja, podemos ser ativos e livres quando agimos; e passivos ou servos, quando somos impotentes perante a força dos afetos. Já para Nietzsche, a servidão provém dos afetos reativos ao invés da ação. Eles são uma resposta indevida do sujeito que ao invés de voltar-se para si, volta-se para o mundo, como uma incapacidade de reflexão, de auto análise. Tal comportamento é comum no ressentimento, conceito muito utilizado por Nietzsche para referir-se àqueles que são incapazes de lidar internamente com algo e acabam refletindo isso no externo. É comumente encontrado nas pessoas que seguem a moral de rebanho, que é aquela moral pronta, com valores dominantes e pré-estabelecidos:

[...] vemos, também Nietzsche chama a atenção para as causas exteriores, para a importância de "parar com este hábito de ceder, de fazer-como-todo-mundo, de me-tomar-por-um-outro", de modo a poder tornar-se o que se é: "convém tomar aqui o termo 'espírito livre' em um sentido, e um só: aquele espírito que se libertou, que retomou posse de si mesmo" (Martins, 2000, p. 186)

Assim, seria importante distanciar-se da moral de rebanho, das crenças e valores pré-estabelecidos para que o homem conseguisse desenvolver e criar a si próprio, como um espírito livre. Ele precisa ter posse de si para guiar-se no caminho de tornar-se quem é. Um caminho que não propõe encontrar dentro de si algo íntimo que o definirá, mas sim de poder ser senhor sobre o seu destino e escolher quais valores irão o guiar na criação do homem que ele visa se tornar.

A servidão (domínio das paixões) para Espinosa relaciona-se com a capacidade do sujeito ser afetado pelo *conatus* que não provém do seu interno, ou seja, pela capacidade de deixar seu exterior o afetar. A filosofia de Espinosa tem como pano de fundo a teoria dos afetos, por isso, não nos esqueçamos que o indivíduo é um ser afetivo, somos, por natureza, esse desejo oscilante, e cada homem visa o seu próprio interesse. Portanto, quanto mais entendermos as leis da nossa natureza e da natureza em geral, mais desejaremos os afetos alegres (que nos causam aumento de potência), e também aspiraremos compartilhar deste estado de felicidade com o máximo de homens possíveis, apenas assim, segundo Espinosa, nos aproximaremos da racionalidade. Nossos afetos positivos aumentam nossa potência de ser no mundo, enquanto os negativos, diminuem. Para ele, o homem que está em posse de si deve encontrar em si mesmo sua causa adequada, ou seja, elas devem ser determinadas por nós e não pelo acaso do externo. Segundo André Martins, isso gera duas implicações: a partir do momento em que conheço meus afetos, sou capaz de contribuir para hajam bons encontros dentro do caos do mundo; e que aquilo sobre o qual não tenho controle, pode ser transformado por mim em um bom encontro. Sobre este aspecto, Nietzsche também se posiciona, sendo contra a ideia de sorte ou culpa. Aquilo que advém do acaso, mesmo que negativo, não deve guiar nossa existência:

Um ser realizado [...] c; seu prazer, seu desejo, cessa onde a medida do que lhe convém é ultrapassada. Ele adivinha remédios contra as lesões, ele utiliza em sua vantagem os acasos ruins. [...] Ele não acredita nem na 'falta de sorte', nem na 'culpa'. (NIETZSCHE apud Martins, 2000, p. 187).

Em Assim Falou *Zarathustra*, Nietzsche também toma esta postura do homem sobre controle do seu destino no aforisma *As três metamorfoses do espírito*, que podem ser compreendidas como o caminho que o homem faz na busca de sua liberdade. Nela ele

descreve que o homem ao lidar com seus problemas, primeiro se encontra como um camelo, que segue as ordens impostas pelos outros, a metafísica, os valores pré estabelecidos, carrega fardos, o peso negativo das adversidades e do sofrer. Ele é forte e acredita tudo suportar. Depois, ele revolta-se e se torna um leão, movido por um intenso desejo por liberdade. Ele tem um desejo de destruir, de recomeçar, possui raiva das antigas amarras sociais e de tudo o que é externo e busca o definir. Porém, ele ainda não possui força criadora suficiente para recomeçar, somente a criança, que será vivenciada na terceira metamorfose, é que poderá. A criança é naturalmente livre, ela ainda não foi corrompida pelos valores sociais. Ela sabe encarar a vida com leveza, vê graça em tudo, é uma nova fonte de vida apta para começar: “Inocência é a criança, e esquecimento; um novo recomeço, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (Nietzsche, 2011, p. 28).

Esta metamorfose consegue exprimir com pouco mais de clareza essa ideia nietzschiana do desenvolvimento de si na busca da liberdade. Na primeira fase, do camelo, o homem é condicionado. Na segunda, ele se rebela contra as imposições externas: os valores, a moral, a religião etc. Na terceira fase, com criança ele consegue construir novos valores, ele é guiado pela liberdade, finalmente não é mais comandado por uma moral de rebanho. Torna-se capaz de guiar seu caminho com leveza, de criar. Toda a metamorfose parece mostrar o movimento de destruição e criação da liberdade na vida do ser. Somente aquele que é dono de si, é capaz de tornar-se quem de fato és. O homem é capaz de tornar-se o verdadeiro guia de sua vida.

Se há apenas um mundo, há duas implicações provenientes: diferentemente do que perpassa a tradição filosófica, não é possível a existência de uma dimensão apenas racional e imaterial; assim, o pensamento e a matéria são aspectos de um mesmo e único mundo. Logo corpo e “alma” (compreendida enquanto mente) são atributos de um mesmo indivíduo. Essa é a concepção nietzschiana de que há apenas um mundo que é sensível e inteligível ao mesmo tempo, corpo e alma não são causas um do outro, ambos são partes de uma única realidade imanente. Assim, “não estamos separados do que conhecemos, não conhecemos o mundo a partir de um outro lugar, imaterial, inteligível, puramente racional” (Martins, 2000, p. 187). Nesta perspectiva não faz sentido a contraposição e a

distanciação criada pela teoria metafísica de que corpo e mente são coisas distintas e que o mundo físico é enganador, incapaz de permitir o contato com a verdade. A verdade se encontra na mesma esfera que todo o resto.

O conhecimento para Espinosa é necessário. E a razão está ligada ao conhecimento das leis naturais. O homem é um modo finito da substância, constituído por uma mente (atributo pensamento) e um corpo (atributo extensão). Vale dizer que o pensamento e a extensão são provenientes da mesma substância. O conhecimento intuitivo (de terceiro gênero⁹) “passa da universalidade da razão à singularidade da relação, ‘presentificando’ ou ‘atualizando’ o conhecimento” (Martins, 2000, p. 188). Da mesma forma, para Nietzsche o conhecimento é uma criação, a ação de recriar novos saberes no presente.

Para Espinosa o “conhecimento intuitivo é o conhecimento singular das essências singulares” (Martins, 2000, p. 188) em sua relação com o mundo. O conhecimento envolve a autoconsciência de nós e da relação que exercemos com as coisas do mundo. A passagem de um conhecimento formal, racional para um atualizado e relacional é possível porque todos somos manifestação de uma única e mesma substância. A impossibilidade de um conhecimento de fato objetivo é uma teoria que também se aproxima do que Nietzsche defende: o conhecimento como uma criação de representação do mundo que demonstra a relação do homem com suas vivências exteriores. Esta relação pode ser positiva ou negativa de acordo com a forma que o homem se vê inserido, e isso poderia aumentar ou diminuir sua potência.

Assim, enquanto na tradição filosófica as ontologias tendem a separar de forma dualista e antagônica as diversas faces do conhecimento (como corpo e alma, razão e sensibilidade, consciente e inconsciente etc.), para Nietzsche e Espinosa tudo provém de uma única realidade. A ontologia deles consegue abranger todas essas qualidades e toda multiplicidade em um único ser, pois todos partilham da mesma realidade corpórea imanente, são apenas manifestações distintas dela. Veja a seguinte passagem do livro *Assim Falou Zaratustra*:

⁹ Segundo Espinosa expõe na *Ética*, há três gêneros de conhecimento: o primeiro, a imaginação; o segundo, a razão; e o terceiro e mais elevado, a intuição.

Corpo sou eu e alma” – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como as crianças?

Mas o desperto, o sabedor, diz: corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo.

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.

Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão (Nietzsche, 2011, págs. 34-35).

Para ambos os filósofos o pensamento deve servir para aumentar a potência do ser. Quando falamos do poder do acaso e sua interferência na vida humana, tanto Espinosa quanto Nietzsche parecem reconhecê-los e propõem que o homem, dentro do possível, os use ao seu favor. Espinosa sugere que conheçamos o exterior, o “acaso” assim entre aspas, porquanto tudo é necessário, e nossos afetos diante dele para que possamos nos beneficiar com tal conhecimento. Nietzsche indica que sejamos nós quem guiamos o acaso e não o contrário (Martins, 2000, p. 190). É graças a essa ontologia parecida que essa aproximação de visões é possível entre ambos os filósofos.

Outro aspecto comum aos dois filósofos é que eles se colocam contra ilusões para explicar a realidade do mundo. Essas ilusões seriam resultado de uma visão metafísica do mundo que buscam no além do mundo empírico explicações para coisas que eles desconhecem a razão. O conhecimento contra o qual Nietzsche se coloca é aquele considerado de primeiro gênero por Espinosa, e que se encontra no âmbito da imaginação, da idealização, pensamentos derivados da crença de que é possível a separação do mundo em físico e metafísico. Noções como a do transcendente e dos universais são consideradas por Espinosa como provenientes do pensamento de primeiro gênero, frutos da imaginação humana. O homem imagina-se como fazendo parte de algo que está além de sua natureza, ele mergulha em um mundo de fantasia e constrói o que chama de razão e conhecimento a partir daí.

Espinosa diferencia as imagens universais ou comuns que são mal fundamentadas, das noções comuns que são “claras e distintas”, segundo os princípios cartesianos. Uma pessoa incapaz de atingir um conhecimento de terceiro gênero, imaginará algo quando não souber uma resposta, pois ele pensará que é algo que poucos são capazes de atingir. Uma vez que ele mesmo não atingiu tal conhecimento e imagina que seja algo difícil de

se ter acesso, ele se sente afetado por essa “ideia resposta”, como se ela fosse proveniente de algo exterior. O conhecimento de terceiro gênero é difícil de ser atingido, porém pode ser concretizado por todos. O homem cria uma imagem inadequada da realidade quando acredita apenas na explicação que não possui correspondência com mundo físico.

Assim, tanto Nietzsche quanto Espinosa defendem que a sabedoria consiste em aceitar o mundo e todos os seus aspectos, sem a necessidade de criar uma resposta imaginária, sem correspondência com o mundo físico e deixar que valores fracos sejam criados a partir daí. É uma aceitação daquilo que não pode ser mudado e que não está sob nosso controle sem cair em um comodismo. O intuito é aprender a usar sabiamente, em prol do nosso desenvolvimento, tudo o que foge de nosso controle.

Neste aspecto, Nietzsche trabalha em algumas obras um conceito que exprime a essência dessa aceitação da vida: a sabedoria trágica. Ela consiste na afirmação da vida como potência máxima do ser e, para isso, é preciso aceitar a vida em sua completude, com todos os aspectos bons e ruins. A sabedoria trágica é a alegria de viver, de compreender o mundo como um constante de coisas que fogem a nossa razão e ao nosso controle. O *amor fati* é a aceitação da vida do jeito como ela é, um amor ao destino ou àquilo que na nossa vida não pode ser mudado:

Minha fórmula para o que há de maior no homem é *amor fati*: nada querer de outro que o que é, nem à frente nem atrás de si, nem nos séculos e séculos. Não se contentar de suportar o inelutável, e ainda menos dissimulá-lo -todo idealismo é uma maneira de mentir para si diante do inelutável- mas amá-lo” [...] (Nietzsche apud Martins, 2000, p. 193).

O *amor fati* pode ser encarado como a realização do homem que desenvolveu a sabedoria trágica. Ele é capaz de aceitar a vida, suas partes negativas e lidar com a existência sem recorrer a teorias metafísicas. E além de aceitar, ele sabe amar, pois possui a compreensão do todo. Ele tem coragem de lidar com a realidade da existência:

O conhecimento da realidade, a aprovação da realidade são para o forte uma necessidade tão grande como o é para o fraco a covardia e a fuga diante da realidade - o 'ideal'. Eles não são livres para aceder ao conhecimento: os *décadents* precisam da mentira - é uma das condições de sua sobrevivência (Nietzsche apud Martins, 2000, p. 193).

Buscar uma explicação metafísica para a existência é negar a vida, pois há a suposição de algo maior e melhor nos esperando no além, logo esta vida é inferior e merece

ser descartada em prol daquela. Para Nietzsche, os valores decadentes são aqueles que negam a vida e a potência do homem diante dela. Ela envolve uma moral que tenta defender e exaltar os fracos e diminuir e denegrir os mais fortes. Ela é pensada para o desenvolvimento e manutenção do homem fraco, também é chamada por Nietzsche de moral de rebanho.

Em Espinosa, a partir do momento em que há o reconhecimento de que tudo o que existe é necessário, é possível encarar as coisas sob uma nova perspectiva: “a tristeza produzida pela perda de um bem é atenuada quando constatamos que não havia nenhuma maneira de conservá-lo” (Espinosa apud Martins, 2000, p. 193). Quando entendemos que as coisas são porque tudo o que existe levou a isso, todos os milhares de acasos inevitáveis se encontrando fizeram com que aquilo fosse necessário de acontecer. Não houve azar, punição divina, ou demais teorias metafísicas religiosas explicativas. A própria existência se basta como consequência: “‘Todas as coisas são necessárias’ porque ‘são determinadas a existir e a agir por uma cadeia infinita de causas’” (Espinosa apud Martins, 2000, p. 193).

Em Nietzsche, a tragédia, o eterno retorno e a vontade de potência se ligam:

Se afirmo minha vontade de potência, entendo a necessidade de todas as coisas, pois não mais afeto-me passivamente em meio ao acaso, não mais imaginando causas para o que acontece; passo a afetar-me ativamente, ou seja, a interagir com o mundo à minha maneira, seguindo meu próprio caminho; aprovo então a vida e seu eterno retorno, o que por sua vez aumenta minha potência.” (Martins, 2000, p. 194).

Nietzsche propõe uma aceitação da existência para que o homem não acabe no ressentimento. O ressentido é aquele que fica preso em algum sentimento negativo do passado, algo com o qual ele não consegue lidar internamente e acaba prejudicando sua potência. Ele torna-se incapaz de dar continuidade a vida, torna-se amargo, cheio de ódio e rancor que ele acaba por externalizar e descontar em outras pessoas. Quando há a aceitação do passado e do presente de forma positiva, o homem torna-se capaz de construir seu presente e futuro. Ele não é congelado por algo negativo que o impede de viver, por um sentimento ruim que ele vive a ressentir. Nietzsche encaminha para uma superação, o homem que é capaz de ultrapassar a si mesmo em prol da construção e desenvolvimento constante de si.

CONCLUSÃO

De forma geral, podemos concluir que ambos os filósofos pensaram na capacidade de fruição por meio do conhecimento, talvez isso culmine na maior aproximação entre Espinosa e Nietzsche, o regozijo proveniente da compreensão do conjunto da realidade, colocando o conhecer, como ação do entendimento, de maneira que busquem alimentar os afetos alegres, positivos, afirmativos e que estes sejam realmente experienciados pelo homem, causando, por consequência, o aumento de potência. Trata-se de um pensamento para além do individual, pois se os homens se orientassem pela vontade de (auto)conhecimento, certamente que desta reflexão surtiria efeitos no âmbito coletivo, tornando-o mais agradável para se viver. Ao que tudo indica, ambas filosofias pretendem romper com a ideias transcendententes que tornam a vida triste e desarmônica e que conduzem os homens mais como animais submissos, do que como seres ativos, fortes, potentes que deveriam ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUI, M. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAUI, M. **Spinoza: cuarto coloquio. O fim da metafísica: Espinosa e a ontologia do necessário**. Córdoba: Brujas, 2008.

DELEUZE, G. Espinosa: **Filosofia Prática**. Trad. de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão e Homero Santiago. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

ESPINOSA, B. de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ESPINOSA, B. de. **Tratado Político**. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ESPINOSA, B de. **Tratado Teológico-Político**. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Perspectiva, 2014.

KRIEGER, S. De precursor a grande ocultador: Nietzsche sobre Spinoza. **Revista Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto-Seguro, v.42, n.1, p. 231-251, 2021.

LIMA, S. H. B. **A crítica de Nietzsche à religião cristã**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Recife, p. 115, 2015.

MARTINS, A. Nietzsche, Espinosa, o Acaso e os Afetos: Encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo. **Revista O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.II, n.14, p. 183-198, 2000.

NIETZSCHE, F. W. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 1987.

NIETZSCHE, F. W. Carta sobre Espinosa. Trad. e introdução de Homero Santiago. **Revista Cadernos Espinosanos**. São Paulo - FFLCH USP, v.16, p. 131-137, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **Assim Falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.